

KAFKA E OUTROS: DA (IM)POSSÍVEL MORTE, ESPELHOS-ESCRITOS- INVENÇÕES

Artur Rodrigues Janeiro¹

*Ela sorri, ela diz que é a primeira vez, que ela não
sabia antes de encontrá-lo que a morte podia ser
vivida.*

Marguerite Duras

Esta escrita nasce de uma leitura, no entanto, não de uma leitura qualquer. Breve suspense. A partir de uma leitura inicial, um desfi(l)amento de outras tantas leituras ganha espaço e, conseqüentemente, uma trama de referências a se perder de vista me coloca, leitor-escritor que sou, em constante espaço-outro. Assim, por aqui, desejo navegar: “o navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários.” (FOUCAULT, 2009c, p. 422). A saber, esta escrita nasce da leitura do conto “Um sonho”, de Franz Kafka (1994), e se propõe enquanto aventura por entre possibilidades do pensar a vida, a imaginação e a morte. Prossigo, navego...

... “porém já estava no cemitério. Havia ali caminhos muito artificiais, de uma sinuosidade pouco prática” (KAFKA, 1994, p. 53). Por aqui, (des)continuidades de traços, contornos de letras, de diálogos. Por isso mesmo, encontros. Encontro-me com excertos da obra de Kafka, mas também de tantos outros: Michel Foucault, Marguerite Duras, Jorge Luis Borges. Encontro-me, ainda, com silêncios florescidos tardiamente, com veios de escolhas-linhas que me levarão a um único ponto final ainda ser forjado. Por aqui, enalteço as (des)continuidades de esperas que habitam as fissuras dos entre-palavras e das entrelinhas, portanto, eis

escrita tornada saber (e o saber tornado escrita) [...], um meio de impelir o homem em direção aos seus limites, de acuá-lo até o intransponível, de colocá-lo o mais perto possível daquilo que está mais longe dele. [...] Tenho a impressão de que essa abolição da divisão entre saber e escrita foi muito importante para a expressão contemporânea. Estamos precisamente em um tempo em que o escrever e o saber estão profundamente embaralhados (FOUCAULT, 2009d, p. 244).

O que estaria ao término dessa distância, fértil num intransponível a ser superado? Também ao término desta escrita-leitura, desta produção? O quê estaria se não a possibilidade de ocorrência, ou mesmo de existência, do próprio homem estendido-entendido em projeto-projétil de suas ações? Feito volátil dardo lançado das bordas da finitude conhecida do espaço – da finitude do suposto espaço conhecido –, como demonstrado-questionado por Giordano Bruno (1983)? Semelhantemente, pode-se questionar: de onde fala a vida? essa voz de ficção? Prossigo, navegando pela linguagem...

Atentar-me-ei à questão dos limites, também e por isso mesmo, das fronteiras. Josef K., o personagem do conto de Kafka, tão só, tão eu, tão você, leitor(a), dissolve-se, dissolve-nos, solubiliza toda e qualquer diferença existente entre nós, feito manancial, feito “matéria desagregável, de misterioso tempo” (BORGES, 1982, p. 49), e tarda a perceber-se em intransponível situação, em/de espantoso limite-fronteira:

¹ UNESP, campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: artur.janeiro@gmail.com.

Enquanto ainda dirigia o olhar para a distância, viu de repente no caminho o mesmo túmulo ao seu lado, na verdade já quase atrás. Saltou rápido sobre a relva. Uma vez que, sob o pé que saltava, o caminho seguia o seu curso desabalado, ele vacilou e caiu de joelhos justamente diante do túmulo. Atrás deste estavam dois homens levantando no espaço entre ambos uma lápide (KAFKA, 1994, p. 53)

Onde estamos? Se não em uma trama “do será, do é e do foi”, (d/n)esse rio “pelo qual corre o Ganges?” (BORGES, 1982, p. 49). Como estamos se não movedições por entre as [de(com)]posições de si que o próprio vale da Vida permite ao rio de todos os últimos dias escavar em nós mesmos? Sulcos, fissuras... Navego. Retomarei tal profundidade.

Apesar de uma aparente impossibilidade de todo e qualquer ser vivo (re)conhecer o leito da sua própria morte, seu repouso de vida, eis que o pensamento alcança tamanha encenação, devaneio, inclusive sonho. É pela imaginação que se torna possível iniciar o extravazamento de toda e qualquer condição humana. Da busca pelo leito que se procura (re)conhecer, silenciada a metáfora do rio, seria possível perceber os sulcos que a própria Vida escava nos tempos e nos quais a morte parece ser seu cultivo mais exigente? Ou, perceber-se-iam os sulcos que o Tempo escava nos campos da Morte, semeando vidas? Quem saberá dizer?

Semelhantemente, um autor reconhece o leito-lauda e as sentenças-pautas que seus pontos finais mentem morrer, suas vírgulas fazem respirar e suas reticências prometem ressuscitar? Assenta-se sobre a superfície da lápide, desta lápide, feito escrita que percorre o mundo e o é em potência de imprevisibilidade, a assinatura de inominável instância desconhecida, do esvaziamento da memória, dos confins da matéria? Assentam-se letras talhadas a dizerem que ali não se diz mais nada: “Aqui jaz _____” e, assim,

cada uma das letras apareceu limpa e bonita, talhada fundo e toda em ouro. Quando tinha escrito as duas palavras [Aqui jaz], [o artista] olhou para K., que estava atrás; muito ansioso pelo prosseguimento da inscrição, K. mal se importou com o homem, fitando somente a pedra. De fato o homem começou a escrever de novo, mas não pôde, havia algum bloqueio, deixou baixar o lápis e se voltou outra vez para K. (KAFKA, 1994, p. 54)

No entanto, é um artista, aqui autor, quem está a observar, encantado, a própria morte que se lhe apresenta em tamanho requinte ornamentado, também artisticamente. Lemos, portanto, o quê um morto, K., relata; o quê a suspensão da sua vida, não privação, faz despregar do olhar enquanto incerta bruma de experiência. Nesse sentido, recorro um excerto de Foucault, o qual me convida a pensar que em Kafka

O olhar que observa se abstém de intervir: é mudo e sem gesto. A observação nada modifica; não existe para ela nada oculto no que se dá. O correlato da observação nunca é o invisível, mas sempre o imediatamente visível, uma vez afastados os obstáculos que as teorias suscitam à razão e a imaginação aos sentidos [...], a pureza do olhar está ligada a certo silêncio que permite escutar. (FOUCAULT, 1977, p. 121)

Dizer que o olhar não intervém não é anulá-lo em sua potência, mas alocá-lo na potência de um vir a ser que se está sendo desde o começo da escrita ou mesmo antes – é “não intervir” no sentido de “ser a intervenção”, uma torrente de acontecimento(s). Disso, o olhar pensado enquanto abstenção de intervenção passa ser ele próprio um momento e campo-fonte de fervilhantes intervenções de/a todos que o realizam, que o buscam e o tangenciam – todos que

embarcam nos lampejos do autor, permitindo ofuscar a própria visão com tudo aquilo exterior aos controles da autoria e sua assinatura. Talvez seja por isso mesmo que não importa, também não se pode precisar, o assombro fomentado por aquilo que nos chega aos olhos, seja de (in)certa (in)visibilidade, ausência ou desconhecimento. Eis – pode ser – apenas mais uma nau em mares revoltos de medos e inseguranças, em tempestade propulsora, criadora...

A partir desses apontamentos, seria limite da/à Arte a morte do artista, do autor? Ou mote, até mesmo fonte de inspiração e criação? Se por um lado pode-se dizer que todo registro, qualquer letra-incisão, é resistência e memória que se abraçam, é necessário buscar compreender que

essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constataram esse desaparecimento ou morte do autor. (FOUCAULT, 2009b, p. 269)

No entanto, o quê ou quem traça, retraça, até mesmo se engraja, com o bloqueio do artista, com o bloqueio do autor e de seu personagem, se não o próprio viver e(m) suas fronteiras-transformações que também sou? Se não a indistinção das possibilidades de quem quer se seja? K., em seu sonho, se aproxima de um ver-se morto, já ajoelhado em seu próprio túmulo, curioso por sua lápide. No entanto, não havendo morto capaz de ver, nem corpo que insista em permanência ou personagem que persista seguramente além da frase, o conto de Kafka, versando sobre a morte, espelha a vida; ainda, o mesmo conto, versando sobre um viver de um morto, espelha a morte. Acerca desse espelhamento e retomando a questão do olhar-intervenção, peço licença a(o) leitor(a) para compartilhar outro excerto de Michel Foucault, ainda que extenso:

No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (FOUCAULT, 2009c, p. 415)

Assim, “Um sonho” espelha potencialmente a mais primeva condição humana: a de ser vivo, de ser vivente que morre, de morrente que vive, de morrer em vida. Ainda, penso que para se conseguir tamanho espelhamento não se trata exclusivamente, ou até mesmo exaustivamente, de apenas uma escolha minuciosa de palavras. Talvez, a estratégia (ou seria técnica?) explorada

por Kafka resida mais na elaboração de um conto que se embrenha por entre tantos espelhamentos não refletores de calma objetividade alguma, do que na precisão das palavras. São relações de contato, de toques, que estão colocadas a favor do desenvolvimento e manutenção da sua própria invenção, de seu próprio conto: sonho e realidade se tocam, o ver-se quando não se vê, quando não se deveria ver, passa a tocar e se debruçar sobre a impossibilidade do ver, atribuindo-lhe uma roupagem que a destitui enquanto tal, mas não a abandona em resignificação; ainda, toca-se o dormir quando se está acordado em sonho para se despertar ao sono dos sonhos. Assim, Kafka enquanto K. não lida apenas com metáforas: se permite que a construção literária opere (em/enquanto) uma sucessão de metamorfoses nas quais se é (im)possível morrer, bem como discernir com tranquilidade alguma o quê se é e o como se está. Disso, turvam-se as águas, os contornos das costas; navego em partida pelo “indestrutível núcleo da noite colocado no coração do dia” (FOUCAULT, 2009d, p. 244). Desejo...

Semelhantemente a esse “efeito Kafka”, é possível encontrar também em Marguerite Duras (1984) uma fusão (do tipo) vida-(e)-morte:

Você não olha mais. Você não olha mais nada. Você fecha os olhos para se reencontrar na sua diferença, na sua morte. Quando você abre os olhos, ela está ali, sempre, ela está ainda ali. Você volta para o corpo estrangeiro. Ele dorme. Você olha para a doença da sua vida, a doença da sua morte. É nela, no corpo dela adormecido, que você a olha. [...] Você olha o local do coração. Você acha a batida diferente, mais distante, a palavra lhe vem: mais estranha. Ela é regular, parece que não deveria nunca parar. [...] Você descobre que ali, nela, se fomenta a doença da morte, que é essa forma diante de você desdobrada que decreta a doença da morte. (DURAS, 1984, p. 36; grifo meu)

Recorrer, neste fim de aventura, a Duras é questionar toda e qualquer regularidade que não para, que não para pois é tentativa constante de irregularidades, de desassossego, seja da vida, da morte ou da doença; seja em tons poéticos ou voltado ao desenvolvimento dos labirintos que tantos espelhamentos hospitalares produzem (BORGES, 1989), conjugando fractais de fugas do olhar, de olhares que não cessam – engana-se aquele que se vê fechado pelo labirinto; só o conhece quem se aventura pelas aberturas que o compõem. Assim, que neste movimento infinito de conceitos (DELEUZE & GUATTARI, 1997), bem como da linguagem (FOUCAULT, 2009a), a criação seja mergulho insustentavelmente suave, nem por isso não desesperador, tal como o que conduziu K. e Kafka a fazerem da terra uma não-resistência, território, e de toda profundidade impenetrável, uma zona de acolhimento até então impensável, possibilidade de reexistência.

Ainda avistando muitas palavras e coisas não ditas, atraco...

Referências

BORGES, J. L. Heráclito. In. _____. **Nova antologia pessoal**. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: DIFEL, 1982.

BORGES, J. L. La pesadilla. In. _____. **Siete noches**. Argentina: Emecé Editores, 1989.

BRUNO, G. **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Trad. Helda Barraco. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DURAS, M. **A doença da morte.** Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito [1963]. In. _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, M. O que é um autor? [1969]. In. _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

FOUCAULT, M. Outros espaços [1984]. In. _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009c.

FOUCAULT, M. Um nadador entre duas palavras [1966]. In. _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009d.

KAFKA, F. Um sonho [1914]. In. _____. **Um médico rural:** pequenas narrativas. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1994.